A CENA MUDA



Bel-Air

UM PRODUTO FLEXSO



PARA CRIANÇAS 20/27 CR$ 50,00

PARA MENINAS 28/32 CR$ 75,00



LUVAS PARA OS PÉS

CREAÇÃO DE MISTER JAMES



PARA SENHORAS 33/39 CR$ 95,00

Côres Lindissimas!
CANARIO - VERDE
VERMELHO - BRANCO
ETC. ETC.

insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

AT. SEMOG

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

Remetemos para todo o Brasil.
Porte por par, 5 cruzeiros.
Não fazemos reembôlso postal.

A
CENA
MUDA

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA
AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Secretário
Oswaldo de Oliveira

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

Desenhista
Gil Ribeiro

CENA nº 5, de 3/2/1954

CINEMA

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

Analisando 10 filmes inéditos da França 4/ 5
Romance atrás da tela 6/ 7
Filmes e «astros» do Festival Internacional 25
O destino muda os «astros» 12/13
Pedro Bloch conta o que viu na Europa 33

SESSÕES PERMANENTES

Pré-estréia: «Saltimbancos» 3
Segredos da tela 8/ 9
«Ballet»: mais uma gaúcha para o Municipal 26/27
Cinema brasileiro 16/17
Novela das imagens: «O veleiro da aventura» 20/21
De todo o Mundo 24
Cartazes em revista 28/29
Rádio 31
Discos-Novidades 31
Teatro 33
A página do leitor 33

PAGINAS ESPECIAIS DE CARNAVAL:

«Modernas sugestões», «O baile do Teatro Municipal», «Modelos do Oriente», «Temas bíblicos», etc. 11

A NOSSA CAPA
RHONDA FLEMING
(Columbia)

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15
Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES

Publicidade 22-9570
Redação 22-4447
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SAO PAULO

Distribuição e Venda:
A. Zambardino
Rua Capitão Salomão, 69
Telefone: 34-1569

PREÇOS

	Cr$
Número avulso em todo o território nacional	4,00
Número atrasado	4,50
Assinatura anual (52 números)	200,00
Assinatura semestral (26 números)	100,00
Assinaturgl anual sob registro	230,00
Assinatura semestral sob registro	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	180,00

MAIS UMA MELHORIA

A partir do presente número A CENA passará a apresentar, sem qualquer aumento de preço, 10 páginas em duas côres. Entretanto, não ficarão por aí as melhorias. Outras e agradáveis surprêsas surgirão dentro em breve nesta Revista. Contamos, apenas, com o inestimável apoio dos leitores, na divulgação dos vários melhoramentos porque está passando A CENA.

OSWALDO DE OLIVEIRA

PRÉ-ESTRÉIA

4-SALTIMBANCOS

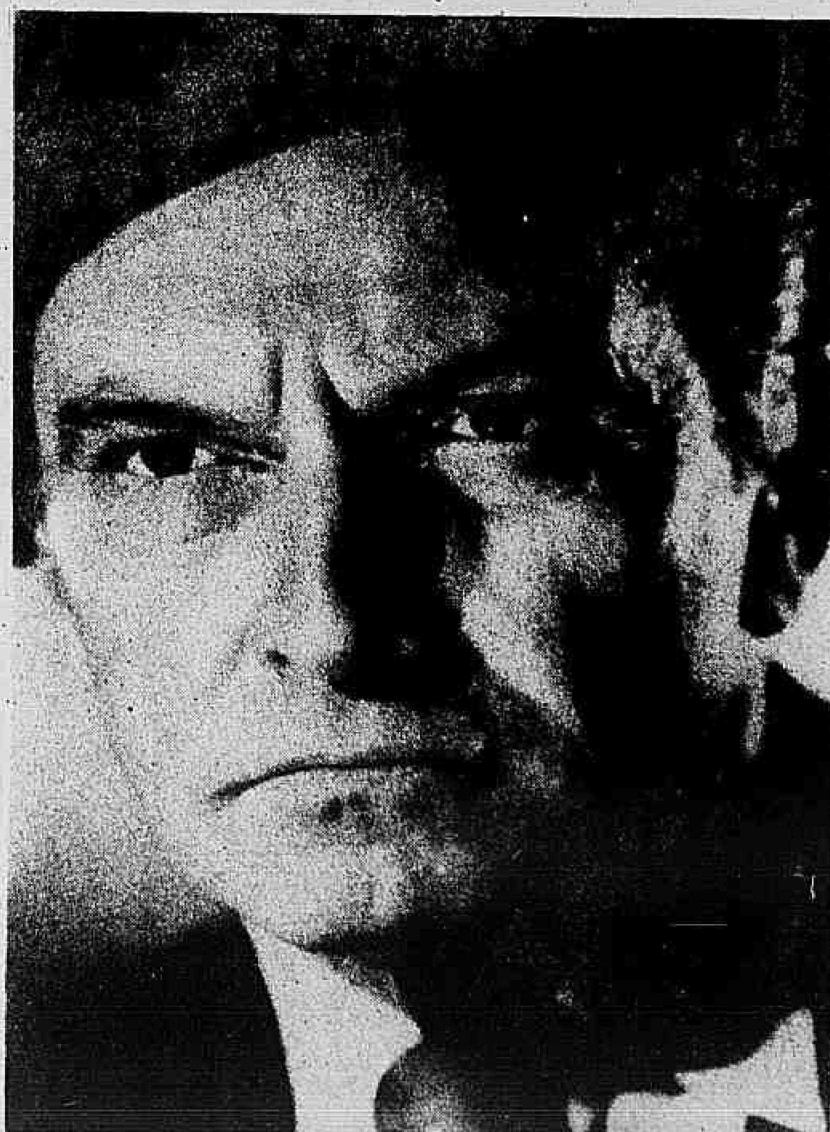
(A ESTREAR NA PRÓXIMA SEMANA, NO RIO)



Gloria Grahame vive, com muito talento, uma criatura de vida irregular.

O circo, com a sua base no movimento, tem afinidade com o cinema. Daí a razão porque êste amplexo é tão solicitado. Esta adaptação de um livro de Neil Paterson não se propôs a explorar o tema pelo lado feérico, conforme o foi «O maior espetáculo da Terra». Ao contrário, êste tem um fundo dramático acentuado, entrando, também, fatôres ligados à expectativa. O interêsse começa com a situação do próprio circo, vigiado pela polícia e com o seu material de espetáculos e de transporte em franca ruína. Ao desgaste externo e à pressão das autoridades junta-se a situação íntima do seu dirigente. Além de a espôsa o trair, com amplo conhecimento de todos, ainda tinha o caso da filha, às voltas com um desconhecido. Com tôdas estas intempéries, procurava, sem desfalecimentos, uma ânsia de superação, a busca de um outro país, da liberdade tanto para a sua pessoa quanto para os companheiros.

Fredrich March em mais um dos seus impressionantes desempenhos.



Elia Kazan desmente, com êste ótimo filme, a versão de que possui talento apenas para dirigir teatro filmado. Bem auxiliado pelo excelente roteiro de Robert Sherwood — o grande autor de «A floresta petrificada» — conseguiu manter um exato equilíbrio e empolgante «crescendo». Assim, chega-se a um notável «climax», com um «suspense» digno de nota. De fato, chegam mesmo a empolgar tanto a preparação da atmosfera quanto aos trechos que fixam o espetáculo do circo na fronteira. Tudo aparentemente alegre mas encerrando um audacioso plano de evasão. A todos êstes encômios acrescenta-se o merecimento que Kazan obteve dos intérpretes. O grande ator Fredric March acrescenta à sua notável galeria de tipos o de um «clown-empresário» em que demonstra a sua ampla versatilidade artística. Gloria Grahame compõe, com muito relêvo, a parte da espôsa infiel. O veterano Adolphe Menjoe tem uma pequena mas admirável participação. Cameron Mitchell tem tôdas as qualidades para se tornar um dos expoentes da atualidade. Terry Moore é apenas uma moça bonita e simpática. A outrora famosa Dorothea Wieck faz uma «ponta», a «duquesa». Excelente a partitura de Franz Waxman e funcional as imagens obtidas por George Krause.

JONALD



A deliciosa Odette Joyeux, a heroína do grande filme: «Sylvia e o fantasma».

analisando 10 filmes inéditos da França

De L. BOLTSHALSER, exclusivo para «A Cena»

JÁ que os atores franceses não gozam, no Brasil, da popularidade dos americanos — popularidade conquistada graças à habilidade da propaganda — ao que tudo indica, o termômetro que os ditribuidores usam para saber se um filme vale ser importado é o índice de imoralidade dos mesmos, não o valor artístico.

Até 50 por cento de imoralidade, bilheteria garantida; 80 por cento e o filme será exibido entre nós imediatamente após sua estréia na Europa. Com exceção das películas vencedoras dos Festivais de Cinema, e que automàticamente adquirem prestígio, despertando a curiosidade do público (como por exemplo «Brinquedo proibido»), os distribuidores não se interessam por realizações honestas.

Enquanto o mercado se abarrota de «Desejos» e «moças sem véu», filmes de valor incontestável continuam e continuarão inéditos para o público brasileiro. Algumas dessas películas, que representam o que de melhor se fêz na França nos últimos anos, estiveram temporàriamente no Distrito Federal em edições de 16mm. Foi quando tivemos o ensejo de travar conhecimento com essa parte da produção francesa, de características diferentes da que até então nos tinha sido mostrada. Aí compreendemos que a fama de imoralidade da produção européia é infundada, pois se aplica apenas a uma parcela ínfima, que é justamente a exibida no Brasil.

O público carioca não conhece Odile Versois, a suave adolescente de «Dernières vacances» (Últimas férias), mas já a viu em atitudes lascivas num seu desempenho em «A flor do pecado», um propósito frustrado de educação sexual.

«Últimas férias» foi o primeiro e, lamentàvelmente, o único filme de longa metragem dirigido por Roger Leenhardt, que veio do documentário. Recordação dos anos de sua juventude na região do Gard e Hérault, a película conta uma história de extrema simplicidade. Passando por dificuldades financeiras, uma numerosa e tradicional família da Provença resolve vender a velha propriedade que sempre lhes pertencera desde muitas gerações. As crianças surpreendem as confabulações dos «grandes», e da conversa compreendem apenas que perderão o imenso parque para as suas brincadeiras. Armam um «complot», passando a boicotar o comprador que vem da cidade, um rapaz simpático que desperta num rapazinho (Michel François) ciúmes doentios da prima (Odile Versois). Depois de uma série de incidentes, que levam o rapazinho a crer que êle matou o comprador, tudo se resolve do melhor modo possível, e as crianças e a velha tia (Berthe Bovy) finalmente se resignam a deixar o casarão familiar, mudando para um apartamento em Paris.

E a vida calma, com as lições de piano das meninas, as travessuras das crianças, a animação das festas familiares, que se esfria ao incendiar-se uma lanterna de papel. As danças ao som do velho e desafinado piano, o jardim imenso, ensolarado e cheio de paz, onde os meninos brincam com tartarugas. A sinceridade do filme é de uma fôrça que o torna inesquecível.

Claude Autant-Lara, que sempre gostou do passado, deu a «Sylvie et le fantôme» (Sylvia e o fantasma) uma atmosfera tôda especial, que situa a intriga numa época indeterminada. Sylvie (Odette Joyeux) é uma adolescente romântica e sensível, que vive num castelo, e se apaixona pelo retrato de um cavalheiro do século XIX, que sorri para ela de dentro da sua moldura. O fantasma do quadro (Jacques Tati), não materializado, segue Sylvie por tôda a parte. Justamente na véspera do aniversário da jovem, seu pai (Pierre Larquey), um barão arruinado, é forçado a vender o quadro a um antiquário, e, para não decepcionar a filha, resolve fabricar um fantasma de carne e ôsso, auxiliado por seu medroso mordomo (Carette). O filho do comprador do quadro (Jean Desailly) presta-se para o papel, enquanto que, para possibilitar aparições simultâneas, contratam um ator decadente (Louis Salou), e o fugitivo de um reformatório (François Périer), que se refugiara no castelo. Mas o verdadeiro fantasma, enamorado de Sylvie, abandonara o quadro e permanecera ali. E além dos três fantasmas encomendados, comparece um quarto — o verdadeiro — à festa de aniversário, e as aventuras dêsse batalhão de espectros dão origem a situações de uma comicidade irresistível. Sylvie, esquecida do amor de sua infância — o fantasma — deverá escolher entre um dos rapazes, enquanto que



Sylvia encontra o fantasma «artificial», dêste grande filme de Autant Lara.

o pobre cavaleiro deixa o castelo definitivamente, e desaparece na noite até se confundir com as estrêlas. Essa é a história da encantadora peça teatral de Alfred Adam (também um ótimo ator: «Os amôres de Carolina», «Feiticeiro do céu», «Virgem e pecadora»), a que Autant-Lara deu agradável forma cinematográfica, movimentando os personagens dentro e fora do castelo, e usando os saborosos diálogos na medida certa, sem excessos. O filme tinha ainda, além da justeza dos intérpretes, dentre os quais se destacava François Périer, um acompanhamento musical de grande beleza.

Robert Bresson, um diretor quase desconhecido, e com apenas uma experiência cinematográfica — «Anjos do pecado», uma hábil realização — dirigiu em 1944 «Les dames du bois de Boulogne». Bresson cenarizou a obra de Diderot, transpondo a intriga do Século XVIII para o século XX. Sem trair o espírito do autor, Bresson eliminou as conseqüências sociais da obra — o escândalo — mantendo e intensificando o conteúdo dramático, que está fora de medida cronológica. O tema das paixões contrariadas e da vingança é admiràvelmente exposto, numa linguagem cinematográfica simples e poderosa. Abandonada por seu amante (Paul Bernard), uma grande dama (Maria Casarès) planeja vingar-se fazendo com que êle se interesse sentimentalmente por uma decaída (Elina Labourdette). Com hábeis insinuações, e cercando a jovem de um ambiente de pureza, a dama em questão consegue que o ex-amante fique tremendamente apaixonado e acabe desposando a jovem. Mas a vingança não surte efeito, pois quando a moça confessa ao marido seu passado, êle já está disposto a perdoá-la. Os diálogos do filme foram escritos por Jean Cocteau, outra recomendação. E Maria Casarès, uma das atrizes de mais fascinante personalidade, tinha no filme um desempenho excepcional.

«La vie en rose», realização de Jean Faurez, cujos trabalhos o Brasil desconhece, dispunha de um cenário bem elaborado e contava com dois grandes atores, em desempenhos magistrais: o falecido Louis Salou, e François Périer. O filme apresenta uma mesma história, vista por diferentes prismas: tal qual está descrita no diário de Turlot (Salou), monitor de alunos de um internato, e contada por um aluno. Através da leitura do diário travamos conhecimento com um Turlot insinuante com as mulheres, enérgico com os alunos, e que não se curva diante dos superiores. Invejado pelos colegas, sobretudo pelo tímido Lecocq (François Périer), é um homem sedutor e elegante. Um indivíduo confiante em si próprio, e que só conhece sucessos, conquistando imediatamente a bela Colette (Colette Richard), filha do diretor do colégio. Na narração do aluno tudo se transforma, como num golpe de magia: o inspetor é o tipo acabado do pobre diabo, de andar trôpego e gestos hesitantes. Seu olhar altivo tornou-se servil e humilde. Sua triste figura serve de achincalhe aos discípulos e colegas, que se divertem a valer à custa dêle, fazendo-o acreditar-se amado pela jovem Colette. O verdadeiro conquistador da história é Lecocq, que se vê envolvido em dois romances sentimentais, sem contar o que êle mantém com a cozinheira do colégio... Ao drama intenso, causado pela crueldade humana o diretor contrapôs uma ironia sutil, partida de uma observação minuciosa. A precisão dos detalhes é admirável. Enorme diferença separa a narração do diário do depoimento do aluno. O ambiente e os objetos adquirem novo aspecto, nova personalidade na imaginação do tímido. A interpretação de Salou foi provàvelmente a mais perfeita que nos ofereceu êsse grande ator, criando êle dois tipos inteiramente antagônicos. François Périer, um dos mais talentosos dos jovens elementos do cinema e do teatro francês, tem também grandes momentos, e tanta sensibilidade quanto Louis Salou.

«La ferme des sept péchés» (A fazenda dos sete pecados) de Jean Devaivre, foi outro dos bons filmes dêstes últimos anos da produção francesa. Apesar dos sete pecados, o filme não atraiu a atenção dos distribuidores, dada a discrição com que são apresentados. A película se inicia com o inquérito judiciário a respeito do assassínio de Paul-Louis Courrier, literato francês do século passado, mais conhecido como panfletário. Sua misteriosa morte dá origem a êsse inquérito, durante o qual somos apresentados, graças ao «flash-back», às várias personalidades de Courrier, tal qual cada depoente o vê. O vigor e, sobretudo, a originalidade da linguagem cinematográfica usada por Devaivre, e a exatidão psicológica tornam «A fazenda dos sete pecados» um filme de valor extraordinário. No papel de Courrier, Jacques Dumesnil teve uma oportunidade excelente, e soube aproveitá-la, revelando-se, pela primeira vez, um ator de classe excepcional. Também Jacques Dufilho, um jovem que atualmente realiza filmes, tinha uma criação notável como o retardado mental protegido do escritor. A fotografia era de grande beleza, e tanta a sua fôrça de sugestão, que se chega a sentir o frescor da floresta e o perfume das flores. A música de Kosma, sobretudo quando imitava o canto dos pássaros e os ruídos das matas, ou quando sublinhava o movimento dos peixes, nadando num riacho de limpidez cristalina, era simplesmente maravilhosa.

Dessa produção, que não será distribuída comercialmente no Brasil, ficamos conhecendo ainda outros exemplos, que, sem ter a classe dos acima citados, eram também de grande valor. «Le père tranquille», realização de René Clement sôbre um cenário de Noel-Noel, interpretado por êste último, uma visão nova

(Cont. na pág. 33)





O público carioca ainda não conhece a verdadeira Odile Versois, de «Ultimas férias».



Cena de «La vie en rose», com Colete Richard e François Perier

ROMANCE ATRÁS

De **MARIA HELENA**

(exclusivo para A CENA)



Lucia Bosé, conforme surgiu na criatura fatal de «Crimes da alma» e Walter Chiari, o seu eleito

Lucia Bosé e Marcello Mastrojanni em «Paris é sempre Paris»

Walter Chiari também tem tido as suas complicações na tela. Aí está com Silvana Pampanini, em «O 13º homem».





DA TELA: LUCIA BOSÉ e CHIARI

TORNOU-SE conhecidíssima da platéia brasileira através de excelentes realizações a belíssima «estrêla» Lucia Bosé. Conhecêmo-la como a menina mimada de «Garôtas da Praça de Espanha» e de «Paris é sempre Paris». Possuidora de impressionante beleza alia a esta qualidade uma boa dose de talento. É uma das poucas atrizes do cinema italiano moderno que ganhou fama sem os recursos usados pela Pampanini, a bomba atômica ou chamada também «A Mulher Proibida», ou Lollobrigida. Possui uma distinção natural e traz no seu tipo um toque de aristocracia. Lucia teve atuação destacada em «Crimes da Alma», sofrendo por um amor infeliz, com egoísmo duro, porém amando até o desespêro a Massimo Girotti. Apesar de seu elegante exotismo, traz às imagens uma contribuição estética, pois Lucia Bosé é dona de maravilhosa silhueta. Um dos seus filmes mais famosos será por certo «A Dama Sem Camélias», que esperamos não demore muito a ser exibido no Brasil. Nesta película, poderá a atriz demonstrar mais uma vez a sua capacidade e sensibilidade para o drama da mesma maneira com que hàbilmente cria papéis cômicos. Para a alegria do público do Rio, Lucia aparecerá brevemente no filme «Roma Ore 11», desta feita foi dirigida pelo famoso De Santis. Outro personagem do cinema italiano também já conhecido das nossas platéias é o simpático Wälter Chiari. Como a jovem Lucia, Chiari conta com uma série de atuações no cinema, entre os quais «O. K. Nero», que tanto agradou, «O sonho do Zorro», onde compunha um tipo de grande comicidade e o «13º Homem», e «Mulheres e Átomos», que será apresentado pròximamente aos seus fãs. Pois justamente neste último filme começou, para Walter Chiari, uma nova fase da sua vida e auguramos seja

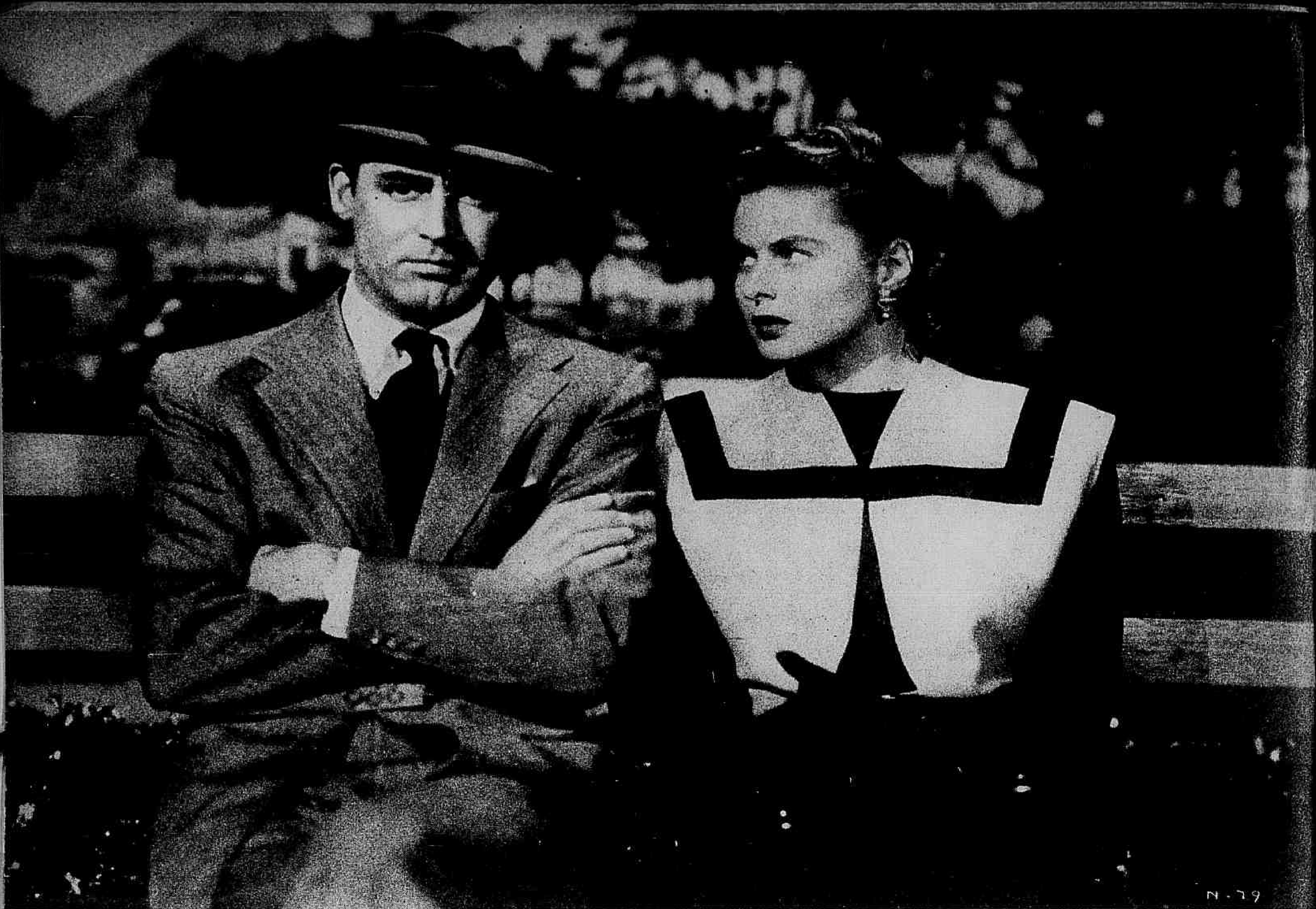




bastante feliz. Sendo contratado para estrelar na película, ao chegar no local de filmagem, num lindo recanto nevado, lugar onde ficaria alojada a equipe, teve a grata surprêsa de ver que a sua companheira no filme, a vedeta principal, era nada mais nada menos do que a linda morena Lucia Bosé. Muito simpática e afável a jovem passou a ser grande amiga de Chiari, que com ela mantinha agradáveis palestras tendo à volta as belas paisagens, entre montanhas nevadas. Da simpatia nasceu o amor e Chiari passou a gostar de Lucia e começou a fazer-lhe a côrte. Mas... Lucia fazia não perceber, pois só lhe preocupava naquela época a carreira cinematográfica que já naquele tempo era bastante promissora. Chiari sofreu, mas não desistiu e durante tôda a filmagem procurava o mais possível uma aproximação com a jovem «estrêla». Entretanto, para sua decepção, nada conseguiu e acabada a filmagem separaram-se. Chiari já adquirira grande fama e tornou-se o ídolo de muitas mulheres, mas guardara no coração uma esperança doce de que um dia conseguiria conquistar a linda Lucia. Passado algum tempo, se há o reencontro e Chiari mais do que nunca anima na sua alma o desejo de conseguir que Lucia também venha a amá-lo. Lucia já não resiste tanto e sente-se inclinada a aceitar a côrte de Chiari. Mas as brigas são freqüentes e os pedidos de casamento não lhe interessam até que a sorte muda... e Chiari consegue enfim que Lucia o aceite para marido. Começam os preparativos e como tôda moça Lucia passa a se preocupar com o seu enxoval. Possuidora de requintado gôsto procura os melhores costureiros europeus e encomenda cêrca de seiscentos vestidos. Tudo vai correndo às mil maravilhas mas Chiari é um noivo à antiga e começa exigindo que Lucia abandone o cinema. Conseqüentemente há o rompimento de noivado. Mas o amor era verdadeiro e não há substituições que satisfaçam. As saudades matam e um pequeno reencontro, um vislumbre da felicidade perdida e logo reiniciam o noivado interrompido. Agora o casamento se aproxima e Chiari permitirá que Lucia faça um filme por ano, não podendo beijar outro ator que não seja êle próprio. As condições são aceitas e finalmente os fãs do simpático casal recebem a grata notícia da permissão ao enlace!

Nasceu em Milão a 28 de janeiro de 1931. Viu-se Lucia Bosé, muito cedo, obrigada a arranjar trabalho. Teve, assim, de sufocar sua secreta aspiração de tornar-se atriz; mesmo porque a família é que não queria saber disso. E, com efeito, foi a última a chegar a Stresa para a eleição de «Miss Itália» de 1947, por causa da ferrenha oposição que o irmão fazia à sua participação nesse concurso de beleza. Mas, embora chegando última ao certame, classificou-se no primeiro lugar. Assim que o pai soube da notícia, chorou de emoção; e Lucia foi perdoada. Mas nem por isso conseguiu

(Cont. na pág. 34)



A fim de rodar cenas para a tela transparente de «Interlúdio» (Notorius), com Ingrid Bergman e Gary Grant, veio para o Brasil, dos Estados Unidos, uma numerosa equipe mas não foram incluídos os atores. Nos estúdios da RKO reproduziram-se algumas das necessárias minúcias do Rio, para o 1º plano da tela transparente, mas ERRARAM! Os bancos da Praça Paris possuem um só encôsto de madeira, enquanto que os técnicos os reconstituíram com dois! Acima, Ingrid e Gary como se estivessem na referida praça vendo-se, ao fundo, o Pão de Açúcar, reproduzido na tela transparente, conforme explicação na pág. 9.



Em outro exemplo prático da tela transparente vemos um fundo de cena rodado na Quinta da Boa Vista enquanto Gary e Ingrid fingem gosar as delícias dêste passeio, no Rio. Entretanto, conforme poderá ser visto ao lado talvez que, nem mesmo um balde dágua existisse para o remo!

SEGRÊDOS DA TELA

Por "LONG-SHOT"

A TELA TRANSPARENTE

A tela transparente representou um notável invento e foi posta em prática ainda no cinema silencioso, a partir do ano de 1921. E' um recurso muito econômico e proporciona uma grande ilusão ao espectador. Tudo muito simples. Os atores ficam em frente a uma tela de vidro. Atrás da mesma está um projetor especial que projeta as imagens que, em geral, são filmadas especialmente a fim de coincidir, exatamente, com o ângulo ótico. Muito usada para uma série de ilusões: o herói penetrando em uma casa com um pavoroso incêndio; o trem, veloz, que se aproxima; os automóveis que se cruzam; os homens que, nas alturas de enormes arranha-céus, promovem calafrios de «suspense», tudo com êste ingênuo recurso. Há, apenas a necessidade de sincronização perfeita entre o projetor e a câmara e coincidência das fontes luminosas entre a imagem projetada e o «set». Apesar desta simplicidade são muito caros os aparelhamentos para as mesmas. No Brasil, os nossos principais estúdios estão equipados apenas com projetores pequenos, dêsses que se usam para recursos. Nos primeiros tempos do cinema para cenas conforme se vêem ao lado eram empregados telões semelhantes aos que, ainda hoje, se usam no teatro. De 1919 em diante tomou vulto a cenarização especial tendo, para isto, muito influído o famoso «O gabinete do dr. Caligari».



Acima, a tela transparente conforme é vista, freqüentemente, na ilusão do cinema. Na gravura abaixo, o «truc» conforme é feito no estúdio, estando o projetor atrás da tela em que está sendo filmado o par em idílio, mas com um balde dágua para ironia...





modernas sugestões para o carnaval

Vai causar sucesso a sugestão de «Lili» para o Carnaval. Dificilmente, deixará de ser uma das escolhidas.

Virginia Mayo, pirata de areia de praia civilizada.



3 — Debbie Reynolds em de sol e de lindas mulheres, uma modernissima estilização de Colombina 1950...

4 — México, terra de música, é reverenciado através de Martha Toren.

5 — Até mesmo «Belinda», Jane Wyman, perdeu a austeridade e resolveu fantasiar-se para os leitores de «A Cena».

6 — «Coelho de sorte»: Um «Harvey» de saia (tanga), «girl» dos estúdios da Universal-International.









O DESTINO MUDA OS "ASTROS"

Por H. ANDERSEN, exclusivo para A CENA





Marlene Dietrich já havia sido até contratada para o papel de Edwige Feuillère. Intrometeu-se o «destino» e acabou ficando para Edwige porém, reduzido no «script»...







A atriz sueca de «Senhorita Julia», Anita Bjork, foi convidada para heroína de «A tortura do silêncio». Outro imprevisto do destino e o grande papel foi vivido por Ann Baxter. Anita exigiu demais, na hora de assinar, e fai uma pena...

cosmopolitismo dos "Destinos em apuros". Afirma-nos o excelente ator, premiado duas vêzes, uma pela Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos ("Sombra da outra"), e outra pelo Estado de São Paulo ("Maior que o ódio"), que gostaria imenso, lhe coubesse o papel de garimpeiro da história que adapta. Esta foi das personagens que mais o impressionou de quantos argumentos tem tido oportunidade de conhecer.

Quanto à Ilka, confessou-nos que, terminado o contrato que a prende à Cinematográfica Vera Cruz, não o renovará. Participa atualmente de "Floradas na serra", cujas filmagens foram suspensas devido a precariedade financeira da referida companhia. Crê mesmo que êste seja seu último filme. Dedicar-se-á ao lar, aos filhos que porventura o casal venha a ter. Lamentamos sinceramente esta perda para o cinema patrício, mas, como amigos, desejamos que ela seja feliz; portanto só temos que respeitar suas deliberações.



Foi aí, durante as filmagens do seu primeiro filme na Atlântida, que começou o romance com Anselmo.



Parece ter tomado uma decisão: definitivamente deixo o cinema brasileiro mas não Anselmo!

SETE DIAS NO CINEMA

O tempo passou quente e bom para a praia. As meninas madrugadoras andaram pelo Arpoador e Copacabana, numa exibição gratuita de plástica; outras foram mais longe, em Quitandinha, mostrar modelos de famosos costureiros. Entre tantas lá estavam Liana Duval, apreensiva, pela falta de emprêgo advinda do fechamento dos estúdios. Aliás os atores paulistas tomam férias involuntàriamente graças à inoperância do govêrno cujo auxílio desinteressado é fantasma bisexto. Vem o carnaval e com êle as eleições para rainha. Rosângela, loura e desconcertante, quer ser majestade. Isto pelo menos é o que dizem. Com o carnaval virá também a nova feição gráfica de A CENA — em côres, a partir dêste número — e o lançamento de «Carnaval em Caxias», onde teremos oportunidade de rever Dóris Monteiro. Para trás vai ficando «Nem Sansão nem Dalila», de Carlos Manga, esperando a vez. Em São Paulo inaugurou-se o Festival Internacional, com a Mostra Retrospectiva do Cinema Brasileiro. No Rio, os estúdios da Flama vão ser ocupados por uma nova produtora: a São Jorge Filmes. A produção e direção dêste novo sêlo está a cargo de Santos Mendes. O filme será «Coração sem rumo». Thais Bellini a nova «estrêla». Eurides Ramos, depois de «glorificar» o Exército em «Os três recrutas», realiza uma película sôbre a Marinha. Esperamos que não repita a façanha; num bom papel Ankito. Rodolfo Nanni, diretor de «O Saci», veio ao Rio e bateu palmas discretas ao filme de Alex Viany, que se afirma como diretor. O calor continua intenso e a gente se refugia num refrigerado para ver «O canto do mar». Ficamos sabendo que o tempo lá no nordeste é mais quente e triste que o próprio «Canto do mar», aquecido pela graciosa Aurora Duarte. A turma de São Paulo anda fria em relação ao Festival que se anuncia. As atrizes entretanto preparam uma «toilette» para surpreender a própria Joan Crawford... Muita gente talvez emigre. É pelo menos o que elas pretendem. Chegou ao Rio de volta do Rio Grande do Sul o pessoal da Sacra Filmes que concluiu «Nobrêza gaúcha», filme dirigido pelo Mancini. Jece Valadão, o galã desta realização está bem, obrigado; reserva-nos grandes surprêsas. Está pronto para outra.





A Princesa Lígia (Debcrah) e uma vassala de «Quo Vadis»

Deborah Kerr e uma escrava («Quo vadis», Metro).

Rita Hayworth a celebrada Salomé

Rhonda Fleming a última Cleópatra do cinema.

Rhonda Fleming a Cleópatra de «A serpente do Nilo» (Columbia).

Linda Christian e a sua veste da era babilônica.

Temas bíblicos PARA FANTASIAS





O veleiro «Mayflower» cujo nome passou à história, com o famoso pacto assinado a bordo, pelos primeiros colonos que deixaram a Inglaterra pelo Novo Mundo.

Novela das Imagens

Novelização especial, através das imagens, por JONALD

veleiro da AVENTURA

ELENCO

Capitão Cristopher — **SPENCER TRACY**
Dorothy Bradford — **GENE TIERNEY**
William Bradford — **LEO GENN**
Priscila — **DAWN ADDAMS**
John Alden — **VAN JOHNSON**
Coppin — **LLOYD BRIDGES**
Weston — **RHYS WILLIAMS**

FICHA TÉCNICA

História — Novela de **ERNEST GÉBLER**
Roteiro — **HELEN DEUTSCH**
Direção — **CLARENCE BROWN**
Produção — **DORE SCHARY**
Música — **MIKLOS ROSZA**
Fotografia — **WILLIAM DANIEL**
Côr — **TECHNICOLOR**



NO ano de 1620, em Southampton, Inglaterra, organizou-se a primeira leva de imigrantes britânicos para a América, então chamada de Novo Mundo. A falta de escrúpulos por parte dos encarregados do serviço se fazia sentir intensamente. Partem os veleiros Mayflower e Speedwell mas o primeiro é forçado a regressar, passando os seus passageiros para o Mayflower. A carga humana dêste navio passa a ser de 135 pessoas, incluindo fugitivos da justiça, aventureiros, fazendeiros honestos, operários, idealistas, etc. Antes do Mayflower novamente partir a primeira decepção estava reservada aos embarcadiços. Weston, o representante da companhia que se dispusera a um contrato com os imigrantes, faz absurdas e imprevistas exigências que não podem ser aceitas pelos que se dispuseram a mudar de pátria. Ainda assim, devido à ambição do próprio Capitão Cristopher, que entrevê um plano para ganhar muito dinheiro, é dada, na manhã seguinte, a ordem de partida. Apenas a um dos seus imediatos, Coppin, Cristopher revela o intento de, em lugar de Virginia, desembarcar os passageiros em Massachussetts. Logo no comêço da viagem o capitão Cristopher fica conhecendo melhor a figura de Dorothy Bradford que, antes, já fôra levada à sua presença devido a pequena falta cometida. Embora se tratasse da espôsa de um dos líderes da comunidade no navio, o capitão se apaixona vibrantemente pela mesma. Embora Dorothy sentisse uma imprevista inclinação para com êle, não o demonstra, em um instante sequer. O afeto do capitão não passa despercebido ao marido. Inclusive porque, certa noite, em que Cristopher estava um tanto fora de si, devido a excesso alcoólico, tenta abraçar Dorothy, tendo, inclusive, William agido com violência contra o capitão. Havia, a bordo, outros idílios, porém de caráter platônico, conforme a simpatia que a jovem Priscila desperta em John Alden.

Os dias transcorrem em meio de expectativa, ignorando os emigrantes que a rota não estava sendo cumprida. Sobrevém uma furiosa tempestade e, se não fôra a perícia do carpinteiro John, o navio teria sossobrado. Devido ao próprio desvio da rota, motivado pelo plano do capitão, alonga-se a viagem. Começa a escassear os víveres e a água a bordo O escorbuto passa a fazer vítimas e, inclusive, leva um menino, muito estimado entre todos de bordo. Foi precisamente na ocasião em que o corpo do adolescente era jogado ao fundo das águas que a tão ambicionada terra foi avistada. Desde vários dias antes que era intensa a anciedade a respeito porquanto o mesmo menor que falecera, encontrara um pássaro morto no convés do navio.

Surge uma nova oportunidade para um fortuito encontro entre o capitão e Dorothy. Ela já não pode mais esconder que também se apaixonara por Cristopher mas, possuindo suficiente dignidade, o mantém à distância, com intenso desespêro para o dirigente do barco.

Finalmente, convencem-se os emigrantes que haviam sido enganados pelo comandante, pois percebem que aquelas não eram as terras da Flórida e sim desertas regiões de Massachussetts. Entretanto, e com isto não contava o capitão, ficam ainda mais satisfeitos com a ocorrência. Desaparecidas as mútuas obrigações com a Companhia que os transportara, inclusive pelo fato de o próprio contrato ter sido rasgado, antes mesmo da partida, pelo próprio e inescrupuloso agente, Weston, poderiam ser os proprietários das terras, ainda sem donos. É, então, assinado após uma série de divergências, o pacto de Mayflower, que passou à história como um dos atos fundamentais da colonização do Novo Mundo. Outros riscos surgem, com o comêço do motim a bordo o qual, entretanto, é dominado pelo capitão. Premido pelas circunstâncias e, também pelo fato da influência do amor que o envolvera, é sufocada a rudeza de alguns princípios que, até então, seguira.

Para a terra parte uma missão chefiada por William Bradford, que teria de desbravar as terras, inclusive de livrá-las da presença dos selvícolas, antes de seguirem as famílias da comunidade. Ao despedir-se de Dorothy, mostra-se disposto a tudo perdoar, relativamente ao que se passara a bordo e de recomeçarem vida nova.

Pouco após a partida do marido e, embora tôda a magnitude do mesmo, Dorothy, embora tivesse sido fiel ao mesmo, sentia que não teria fôrças de continuar resistindo. Porém, ante a firmeza da sua formação, prefere deixar a existência do que fraquejar moralmente. Assim, atira-se às águas e perece. Mais adiante, quando todos os impecilhos foram sanados e, finalmente, surgiu a aurora para todos os corajosos emigrantes, o capitão e William reconciliam-se tendo, antes, o primeiro desfeito quaisquer suspeitas de William no tocante à honra da espôsa perdida. Chegava a primavera e, com reais fundamentos, cresciam novas esperanças no futuro, no ânimo dos desbravadores.

A partida dos colonos para tomarem o primeiro conhecimento com as desconhecidas terras do Novo Mundo.



Um amor impossível, pelas circunstâncias e princípios, surgiu entre o capitão e a linda espôsa de William Bradford.



TEMAS ORIENTAIS

Valerie Jackson, da Universal, estiliza o Oriente. Ao lado e abaixo, a odalisca de «A canção do sheik» vai sugerir uma série de colegas».







À esquerda, Dorothy Lamour com um «sarong oriental» (só faltava esta combinação, conforme andou brincando em «Road to Bali», da Paramount.

Arlene Dahl conforme aparece no filme em cartaz na Cinelândia: «Sentinelas do deserto».

À esquerda, Betta St. John, da Metro, em uma dessas indecifráveis estilizações mas. . chama a atenção!

Ava Gardner não poderia faltar a êste desfile de sugestões com algo que muito vai ser apreciado



Joan Crawford cuja presença está sendo anunciada no Festival.

VIRGINA BOSLER tão logo chegou a Hollywood, juntou-se a Gene Kelly e Cyd Charisse nos ensaios para «Brigadoon». Ela aparecerá como irmã de Miss Charisse no Cinemascope musical, exatamente o papel que ela desempenhou nos palcos da Broadway. Vincente Minelli dirigirá o espetáculo.

A casa onde Elizabeth Taylor e Michael Wilding passaram a lua de mel está a venda. O casal acha que a propriedade fica isolada demais, e por causa do filhinho Michael Howard, temem as cobras que freqüentemente são vistas na região. Logo que voltarem da Inglaterra começarão a procurar outra casa, e farão a mudança.

Ann Blyth espera para junho próximo a visita da cegonha e está satisfeitíssima. Ann espera bater o «record» de Maureen O'Sullivan, espôsa do diretor John Farrow, que é mãe de sete filhos...

Ao produtor Nunnaly Johnson que se queixava de nunca servir de mira aos fotógrafos, Humphrey Bogart disse: «Se você se colocar entre Marylin Monroe e Lauren Bacall, tôdas as câmaras se interessarão por você».

ITÁLIA

Vittorio De Sicca, Eduardo Di Filippo e Maria Fiore são os protagonistas de «Don Corradino», uma das histórias mais típicas de quantas falaram de Nápoles e dos napolitanos. Nesta história, um dos episódios do filme «Tempi Nostri», Vittorio De Sicca interpretará o mais original e simpático personagem, um chauffeur de ônibus que, esquecendo-se de horários e itinerário, demonstra estar bem servido de uma dose de «individualismo» e de uma grande aspiração à... liberdade! De Sicca interpreta seu papel com inteligência e senso-de-humor, criando uma genuína e inconfundível página da vida napolitana.

Depois de cinco meses de trabalho com Ulisses, Kirk Douglas deixou de ser barbado. A primeira tesourada foi dada por Rossana Podestà, que no filme interpreta o papel da doce Nausicaa. Foi um momento solene... e feliz para Kirk, pois êle já se acostumara tanto à barba, que dificilmente se reconhecia sem ela.

A cinematografia italiana continua divertindo-se com as grandes produções de Hollywood. Após «O.K. Nero», sátira de «Quo Vadis?», eis agora «O mais cômico espetáculo da terra», o «Totó 3 D», que pretende ser uma réplica ao «Maior espetáculo da terra». A primeira película italiana em três dimensões já iniciou triunfalmente sua exibição para o público, obtendo o mesmo sucesso comercial de seu predecessor, «O.K. Nero».

FRANÇA

Julien Duvivier, o célebre diretor francês, foi protagonista de um trágico acidente. Quando ia de carro com sua família passar o fim de semana no lago de Como, o automóvel que o precedia, no qual viajavam seu filho Christian e sua nora Pierrette, de apenas vinte anos, chocou-se violentamente com um caminhmão que transitava, a grande velocidade ém sentido contrário. O carro foi lançado à distância, caindo bem em frente do veículo dirigido por Duvivier. Éste conseguiu evitar um segundo desastre, mas sua nova Pierrette faleceu no choque, decapitada, enquanto Christian ficou gravemente ferido.

Encontra-se em Paris a atriz italiana Carla Del Poggio, espôsa do diretor Alberto Lattuada, que será a principal intérprete feminina de «O segrêdo de Elena», a ser rodado na capital francesa sob a direção de Henri Calef. Os outros protagonistas serão Isa Miranda e Jean-Pierre Aumont.

Giselle Pascal acaba de assinar contrato para seu próximo filme. A peça se chamará «Mercadores de Ilusões» e será dialogado com Raymond Caillava, que já fêz «Horizontes sem fim». O diretor da nova peça será Raoul-André e Giselle Pascal fará o papel de uma missionária que faz que as mulheres decaídas voltem ao bom caminho. Seus companheiros na distribuição serão Philipe Lemaire e Louise Carletti. Já começaram no estúdio de Billancourt, há dias, as primeiras filmagens.

GRÉCIA

Elena Kleus, que no ano passado foi eleita Miss Grécia, contratada pelos estúdios de Cinecittà seguiu para a Itália onde interpretará o principal papel de «Frinea, a cortesã do Oriente». A bela grega pretende seguir as pegadas de suas patrícias Yvonne Sanson e Irene Papas, ambas atrizes de sucesso do cinema peninsular.

DE TODO O MUNDO

SERVIÇOS ESPECIAIS PARA «A CENA» COORDENADOS POR L. BOLTSHALSER





Novas do Festival Internacional de São Paulo

O QUE SE EXIBIRÁ E OS «ASTROS» QUE VIRÃO ★ «A CENA» ESTARÁ PRESENTE E EFETUARÁ GRANDES REPORTAGENS.

VINTE e três países deram sua desão oficial ao I Festival Internacional de Cinema do Brasil: Alemanha, Austria, Espanha, Grã-Bretanha, França, India, Itália, Portugal, Suécia, Dinamarca, Holanda, Suíça, Japão, Estados Unidos, Canadá, Argentina, México, Venezuela, Uruguai, Peru, Chile, Iugóslávia e o Brasil. A essas nações pode-se acrescentar a ONU, que se prontificou através da UNESCO a apresentar ao público brasileiro grandes painéis fotográficos. Trinta filmes de longa metragem serão apresentados, a saber:

ALEMANHA — «O vendedor de pássaros», direção de Arthur Maria Rabenalt, com Ilse Werner; «Coração que dança», de Wolgang Liebeneiner, com Paul Horbiger; «Enquanto estás comigo», de Harald Braun.

AUSTRIA — «1º de abril do ano 2000», de Wolgang Liebeneiner, com Hilde Krahl.

ESPANHA — «Condenados», de M. Mur Oti, com Aurora Bautista.

GRÃ-BRETANHA — «A conquista do Everest», com «sir» Edmund Hillary, «sir» John Hunt, o «Sherpa» Tensing e demais membros da expedição que conquistou o mais alto pico do mundo.

FRANÇA — «Julieta», de Maro Allégrete, com Dany Robin e Jean Marais; «O amor de uma mulher», de Jean Gremillon, com Micheline Presle, Massimo Girotti e Gaby Morlay; «O trigo que cresce», de Claude Autant-Lara; com Edwige Feuillere; «O curandeiro», de Yves Ciampi, com Jean Marais e Daniele Delorme.

ITALIA — «Pão, amor e fantasia», de Luigi Comencini, com Vittorio de Sica e Gina Lollobrigida; «Muso duro», de Giuseppe Bennati, com Cosetta Greco e Fausto Tozzi. A Comissão aguarda o título de um terceiro filme.

PORTUGAL — «Cerro dos enforcados».

SUÉCIA — Dois filmes, ainda sem títulos em português.

ARGENTINA — «Dias de ódio» e «Maria Madalena», de Carlos Hugo Cristensen, com Laura Hidalgo.

MÉXICO — «A Mentira»; «Atiro-me em teus braços»; «A louca».

VENEZUELA — «Luz do páramo».

ESTADOS UNIDOS — «Hondo», produção em 3-D, dirigida por John Farrow, com John Wayne e Geraldine Page; «A história de Glenn Miller», de Anthony Mann, com James Stewart e June Alyson; «Julius Caesar», de Joseph Mankiewicz, com James Mason e Marlon Brando; «Como casar-se com um milionário», de Jean Negulesco, com Marilyn Monroe, Betty Grable e Lauren Bacall; «A princesa e o plebeu», de William Wyler, com Gregory Peck e Audrey Hepburn.

JAPÃO — «Aguias do Pacífico», de Ishiro Honda; «Acima das nuvens correntes».

Entre os países que apresentarão apenas curtas-metragens, destacam-se Dinamarca, Holanda, Suíça, Canadá, Uruguai, Peru, Chile, India, Iugoslávia e Estados Unidos.

Paralelamente ao Festival, os países participantes organizarão «Jornadas Nacionais», nas quais serão exibidas películas ainda inéditas no Brasil. O interêsse demonstrado pelas várias nações é realmente encorajador, permitindo prever-se um êxito incomum para essas manifestações. A «Motion Picture Association», dos Estados Unidos, inscreveu doze filmes, cujos títulos comunicará oportunamente. A França apresentará os seguintes filmes nas suas «Jornadas»: «Salário do mêdo», de H. G. Clouzot, com Yves Montand e Charles Vanel, «grande prêmio do Festival de Cannes, 1953»; «Balles de nuit», de René Clair, com Gerard Philippe, Martine Carol e Gina Lollobrigida, «prêmio especial do Festival de Veneza de 1952»; «Les enfants de l'amour», de Leonide Moguy, com Jean Claude Pascal; «Les compagnons de la nuit», de Ralph Habib, com Françoise Arnoul; «Si Versailles métait conté», de Sacha Guitry, com Jean Marais, Daniele Delorme e Edith Piaf L'entrange désir de M. Bard», de Ralph Habib, com Michel Simon; «Therese Raquin», de Marcel Carné, com Simone Signoret e Ralf Vallone; «Destinées», filme em três episódios dirigidos por Jean Delannoy, Marcel Pagliero e Cristian Jaue, com Michele Morgan, Claudette Coubert, Martine Carol e Ralf Vallone; «Os orgulhosos», de Yves Allegrete, com Michele Morgan e Gerard Phillipe e «A chave dos sonhos», de Marcel Carné, com Gerard Phillipe. A Espanha inscreveu quatro filmes para as suas «Jornadas». Entre êles podemos citar «Dona Francesquita» e «Flamenco».

Glenn Miller cuja vida vem de ser retratada na telá, pelo intérprete da foto abaixo. Parecidos? Apenas o jôgo da câmara!

James Stewart conforme aparecerá em «A hostória de Glenn Miller», da Universal, filme concorrente ao 1º Festival Internacional de Cinema.



Marylin Maxwell cuja vinda está sendo bem notificada.

HOMENAGENS ESPECIAIS A VON STROHEIM E ABEL GANCE

Desejando, também, prestar uma homenagem a duas grandes figuras do cinema, a Comissão Executiva do Festival decidiu realizar uma retrospectiva das obras de Erich von Stroheim, seja aquelas em que êle aparece sòmente como ator, seja as por êle dirigidas. Será igualmente homenageado Abel Gance, na ocasião da exibição de seu «Napoléon». Serão exibidos ainda os filmes mais importantes do moderno cinema brasileiro, entre os quais «O Cangaceiro» e «Terra é sempre terra». Após o Festival, mas inda no quadro de suas manifestações, será realizada a RETROSPECTIVA DO CINEMA INTERNACIONAL, durante a qual serão projetados os filmes que, pelo seu extraordinário valor artístico, contribuíram para o progresso da arte cinematográfica. No período das sessões ordinárias do Festival, isto é, de 12 a 26 de fevereiro, serão apresentados os «GRANDES MOMENTOS DO CINEMA», uma seleção das mais importantes obras de cinematografia internacional.

ARTISTAS E DIRETORES

Começam agora a chegar à Comissão Executiva a relação dos artistas, diretores e personalidades oficiais que virão ao Festival de São Paulo.

ESTADOS UNIDOS — Joan Fontaine, Rhonda Fleming, Jeanne Craing, Virginia Mayo, Irene Dunne, Walter Pidgeon, Edward G. Robison, William Wolden, o chefe dos produtores da «Warner Brothers», Billy Wilder e Eric Johnston.

FRANÇA — Michele Simon, Dany Robin, Sophie Desmarais e Marc Allégret.

ESPANHA — Maria Félix e Ana Esmeralda.

PORTUGAL — Antônio Vilar.

Lilia Dufech, a gaúcha que conseguiu realizar um grande sonho artistico.





outra gaúcha para o "ballet" do municipal

LILIA DUFECH CONSEGUIU O IDEAL DA SUA VIDA — UMA EXISTENCIA CONSAGRADA AO «BALLE» RECEBE O PREMIO DA DEDICAÇÃO.

Ingressar no Corpo de Baile Oficial do Teatro Municipal constitui o sonho de milhares de jovens estudantes de «ballet», por todo o Brasil. A circunstância é das mais difíceis, particularmente para os que vêm de fora. O vultoso número de candidatas, as exigências técnicas e a escassês de vagas tornam o motivo dos mais penosos. Entretanto, com imolação à arte, levando o estudo com idolatria, a vitória fatalmente há de surgir. E foi o que acabou de suceder com a gaúcha Lilia Dufech. Em meados do ano passado partiu, em companhia de sua mãe, de Pôrto Alegre, onde nasceu e vivia, a fim de jogar o seu destino de bailarina na capital do país. Jamais visitara o Rio, porém, ao desprendimento absoluto, relegando divertimentos e passeios, juntou-se um outro fator: o poderoso auxílio de duas mestras. Tatiana Leskova e sua assistente, Consuelo Rios, ministraram-lhe, durante longos meses, duas aulas diárias de aperfeiçoamento. A princípio, a diferença de métodos, a falta de ambiente juntavam-se aos outros e relevantes obstáculos. Porém, a obstinação em tôrno da flama da arte, os méritos naturais e a dedicação das suas orientadoras foram superando as barreiras. Após seis meses de intenso preparo, Lilia já dançava solos em espetáculos da Academia de Tatiana, conforme ocorreu no Fluminense F. C., quando interpretou, com sucesso, «O canto do cisne negro», música de Vila-Lobos, coreografia de uma das suas mestras: Consuelo Rios. E, pouco após, quando chegou o emocionante dia em que teria de ser submetida à prova, assegurou, com amplos louvores, o ingresso no Corpo de Baile do Municipal. Assim despontou o corolário a uma série de ininterruptos e eficientes estorços.

Lilia começou o estudo, ainda bem criança, com a professôra Lya Bastian Meyer, diretora da Escola Oficial de Danças de Pôrto Alegre. Assim que obteve a necessária formação passou a ser destacado elemento do conjunto, tendo tomado parte em uma série de espetáculos tanto na capital do Estado quanto em muitas das principais cidades do interior. Mais adiante, passou ao curso da professôra Tony Seitz Petzhold (a mesma mestra que orientou, desde criança, Beatriz Consuelo) com quem ficou até o momento de viajar para o Rio.

Em Pôrto Alegre, entre as suas várias interpretações, prefere «Elegie», de Rachmaninoff; «Pássaro azul»; «Valsa de esquina» (música de Mignone); «Variação de Chopin»; «Quebra nozes»; «Sacre du printemps», «La mer», «Sylphides» e outros mais.

Lilia expressa, com muito entusiasmo, a satisfação por ver cumprido o seu mais ambicionado sonho: o ingresso no Corpo de Baile do Municipal. Não poupará esforços a fim de todos os seus anseios prosseguirem na busca do crescimento artístico, uma das maiores emoções que pode sentir o espírito humano.



CARTAZES em REVISTA

ORIENTAÇÃO CRÍTICA DE **JONALD. L. BOLTSHALSER** E **H. ANDERSEN** ★ EM SÃO PAULO: **C. MAXIMIANO.**

Cotações de A CENA (de 1 a 5 pontos): 5 — excepcional — 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; e 0 — inqualificável.

NO RIO

PRÉ-ESTRÉIAS DA PRÓXIMA SEMANA
(8 a 14 de fevereiro)

5 — "SOMOS TODOS ASSASSINOS"

Além de «Saltimbancos», cuja crítica prévia encontra-se na página três, A CENA já antecipou, em 16 de dezembro p.p., a análise dêste grande filme francês. Excepcionalmente dirigido por André Cayatte, sugere um libelo contra o emprêgo da pena de morte. Além de uma mensagem construtiva, que tem repercutido inclusive em muitos países, a narrativa tem alta expectatitva e absorve do começo ao final. Conforme já foi analisado, os acontecimentos despontam com absoluta naturalidade e são extraordinários os desempenhos.

SEMANA DE 1 A 7 DE VEVEREIRO

3 — "VELEIRO DA AVENTURA"

A novela de origem, escrita por Ernest Gleber, evoca fatos históricos. Revive a epopéia dos primeiros emigrantes inglêses que buscaram o atual Estados Unidos, inclusive o célebre pacto de Mayflower. A adaptação e roteiro favoreceram uma adequada atmosfera. Por sua vez, o veterano Clarence Brow soube imprimir uma convincente direção. Embora grande parte da ação transcorra no veleiro, nem por isto o ritmo e a emoção deixam de interessar. Apenas o «plot» amoroso, esboçado entre o capitão, trágico desfecho. Outra restrição é que Tracy tem os seus pontos convencionais, embora o trágico desfêcho. Outra restrição é que Tracy não convence muito nesses trechos, embora esteje aceitável nos demais. O melhor intérprete é Leo Genn, o Petrônio de «Quo Vadis», seguido por Gene Tiérney, com a sua peculiar distinção. Van Johnson foi colocado onde sempre deveria estar: em papel secundário, tendo escassa participação no conjunto. Bons tipos característicos escolhidos valendo a pena citar: Dawn Addams, Lloyd Bridges, Barry Jones, John Dehner, etc. Produção de Dore Schary, Metro, em cartaz nos cines Metros.

SEMANA DE 25 A 31 DE JANEIRO

3 — "TRIBUTO DE SANGUE"

Sim, repetir um velho chavão de cinema, mas com justiça. Não há histórias repetidas e sim tratamento. Um bom filme surgiu do que há de mais conhecido. O «escroque», de alta influência, que controla o jôgo. O promotor do govêrno, enviado para um inquérito especial. O seu amigo, um jornalista, que analisa e conhece tudo melhor do que a polícia. Uma jovem bonita, que se apaixona pelo repórter. As mortes contra os traidores da quadrilha. A única testemunha, capaz de levar os criminosos à garra. O sacrifício do herói, etc. Com todo o comum da trama escrita pelo novelista Horace McCoy há uma aresta mais curiosa: o subôrno a membros de polícia. Porém, surgiu um bom filme. De tal forma é firme a narrativa que quase se esquece do repizado da origem. Em nossa opinião, o êxito do filme deve-se particularmente ao autor do roteiro: Warren Duff. Habilidade e inteligência favoreceram tudo ao veterano diretor William Dieterle. O cineasta de várias obras excepcionais tem tido uma irregular carreira. Acertou, desta feita, de maneira surpreendente porque temas assim têm invalidado centenas de filmes. William Holden, com aquela sobriedade de quem conhece arte a fundo, é o melhor do elenco. Edmund O'Brien não demonstra gestos e atitudes de um famoso promotor mas não deixa de convencer. Alexis Smith reaparece em papel que seria convencional demais se não tivesse se esforçado tanto. Tom Tully é o melhor dos coadjuvantes, mas os outros estão esplêndidos: Ray Teal, Ed Begley, Dan Dayton e Adele Longmire, que entusiasma na «ponta» de carmelita. Minúcias técnicas corretas e funcionais. Filme americano, da Paramount. Título original: «The Turning Point». Estreado no circuito do Plaza.

3 — "LUZ APAGADA"

Atestado dos progressos alcançados pelo cinema brasileiro. Causa mesmo satisfação comprovar como estão ficando desembaraçados e naturais muitos dos nossos elementos. O conjunto sòmente deixa de ir além devido à história. A trama começa com intento de causar muito mistério. Acontece que; quando chega o epílogo não surgem suficientes motivos capazes de justificar a expectativa causada. Os acontecimentos são mesmo de escasso interêsse, no tocante ao «suspense». Foi, portanto, mais uma história mal escolhida, um dos erros de que não se libertaram os nossos estúdios. Tomando-se em conta a insuficiência da base, que êle próprio escreveu, maiores encômios merece o diretor estreante Carlos Thiré. Revelou boa noção de ritmo, de composição agradável, sem maiores rebuscamentos e, particularmente capaz no material humano. Mário Sérgio jamais surgira tão espontâneo e se impõe, com êste filme, em um dos nossos melhores atores. Maria Fernanda estréia promissoramente no âmbito nacional. O papel não oferecia oportunidades, mas satisfaz bem. Outro que se mostrou à altura e compôs um excelente tipo foi Fernando Pereira. As personagens secundárias não comprometem o desenrolar: Xandó Batista, Ermínio Spalla, Sérgio Hingst e outros. Convém explicar que, embora a fragilidade do conto, o roteiro tem os seus inegáveis méritos. Há pequenas minúcias que contribuem para uma apreciável atmosfera de verdade e, inclusive, realismo! Pena a história não fornecer margem. Produção da Vera Cruz.

«Os quatro desconhecidos», de Phil Karlson



«Tributo de sangue», de William Dieterle



1 ½ — "ERAM TODOS PECADORES"

«Eram todos pecadores» é o tipo do filme que fica bem definido em uma palavra — vazio. Dêsses que, uma vez terminados, não deixam nenhuma substância — nada. Nem mesmo a certeza de duas horas agradáveis, ou desagradáveis. Absolutamente nada. Outra comédia matrimonial deprimente, acrescida à já tão longa série das que podem receber o mesmo qualificativo. O tema da infidelidade conjugal tratado com superficialismo, desenvolvido em variações de imbecilidade espantosa. A medíocre direção de Richard Sale está no nível da história. Resumindo: um filme que não merece a presença de uma atriz do quilate de Anne Baxter. Miss Baxter dá alguma finura ao papel, valorizando-o, mas não nos consegue fazer esquecer o quão fraco o espetáculo é. Claudette Colbert, com seu maneirismo intragável, por certo estaria mais em harmonia com o conjunto. O resto do elenco se conduz regularmente. Catherine MacLeod tem todos os atributos de uma péssima atriz; Leif Ericsson lhe replica à altura. Macdonald Carey, passável. E, num pequeno papel, sem chance mas sempre uma figura simpática, Cecil Kellaway. Título original: «My wife's best friend», produção 20 th Century Fox., estreado no Vitória.

1 — "A CARNE MANDA"

Esther Fernandes, «estrêla» de «Santa», que marcou época como êxito de bilheteria, volta agora num dramalhão modesto. Modesto de recursos financeiros, tal a pobreza da película, não de dramaticidade, pois desta é feito uso demasiado. Contando com uma fraca equipe, «A carne manda» nada pode oferecer. Sendo fraquíssimo o cenário, e com escassez de imaginação e talento para uma concretização dentro de moldes senão perfeito, pelo menos correto, o espetáculo cai em tal baixo nível, que por certo concorrerá entre os piores espetáculos do ano.

Com a inexistência de direção e débil delineação dos personagens, os atores pouco fazem ou se mostram completamente desorientados. O mau gôsto na procura, quando há, de angulação e a pobreza estética da cenografia gera fracas imagens, que irão compor um ritmo incerto. «A carne manda», de origem mexicana, estreou no Rivoli e Art-Palácio.

2 — "OS QUATRO DESCONHECIDOS"

Com uma boa introdução com toques de semidocumentarismo, num «crescendo» de ritmo onde até os pausados «close-ups» são estritamente funcionais, a intensidade da narrativa acusa uma excelente cenarização e atilado trabalho de direção. Para decepção do espectador nos dois terços finais a ação decai, no conteúdo e na forma, e a trama acorrenta-se a lugares comuns e situações arranjadas. A história traz alguma originalidade, excelente material para um bom espetáculo no gênero, entretanto o obrigatório aparecimento do romance e do elemento feminino inteiramente deslocado, torna a narrativa forçada. John Payne, Preston Foster, Lee Van Cleel e Neville Brand; o elemento feminino é composto por Collen Gray e Dona Drake. A realização é de Phil Kalson, a película da United Artists, tendo estreado no cinema Palácio.

2 ½ — "PARIS EM ABRIL"

«Paris em abril» constitui um espetáculo regular, como pura diversão. Naturalmente, não traz, como os musicais de Gene Kelly, nada de novo ao gênero. É antes um filme agradável, que repete a velha fórmula de «romance e canção». Doris Day, graciosa e simpática, sai-se uma atriz a contento; Ray Bolger não convence como galã, enquanto Claude Dauphin é um bom ator. Cantando, Doris está em seu elemento, com sua voz agradável e sua personalidade. Ray Bolger interpreta um número de dança que constitui um dos pontos altos do filme. Quanto a Dauphin, como cantor, é um desapontamento. Filmado em agradável «technicolor», «Paris em abril» não decepcionará nem os amantes do gênero musical, nem os admiradores de Doris Day. Título original: «April in Paris», produção da Warner, estreado no São Luís.



‹Abbott e Costello no planêta Marte», em exibição e criticado nas habituais pré-estréias de «A Cena», desde a semana passada

EM SÃO PAULO

De acôrdo com a praxe que adotamos, os filmes inéditos no Rio serão comentados dentro em breve, antes do seu lançamento na capital do país. Vejamos os comentários de outras películas, acompanhado de um balanço geral da semana iniciada em 18 de janeiro:

«ALERTA NO CAIRO» (Associated British - Monogram Pictures — Inglaterra) — Êste filme foi filmado no próprio local da ação, isto é, no Egito. É uma intriga policial do tipo das que se encontram no X-9, sem contudo ser tão cinematográfica quanto algumas que se poderiam eventualmente ler na revista. Trata do tráfico de entorpecentes, o qual é combatido com veemência e continuadamente pela polícia egípcia. Eric Portman encarna o policial sem grandes contemplações quando se trata de dar caça aos traficantes e puni-los. A película passa a interessar mais, como história policial, a partir da metade, embora se desenrole sem grande intensidade, correndo tudo por conta da proverbial calma e sobriedade inglêsa. Sob o ponto de vista de cinema, note-se o uso dos primeiros planos e dos grandes detalhes para obter certos efeitos e o corte rápido de uma cena para outra, em certos momentos culminantes. Êste último recurso quase dá ao filme um tom de filme em série, embora se consiga obter o efeito pretendido. Um filme aceitável em relação às últimas fitas em cartaz. (Exibido no Cine República).

EM REPRISES

«MAIS FORTE QUE O AMOR» (Eagle Lion-UCB — Inglaterra) — Reapresentação que não se justifica, nem mesmo pelo êxito que obteve quando exibido em 1951. Melodrama folhetinesco, em côres, apresenta no principal papel masculino, Stewart Granger, em péssima atuação, com dois únicos recursos dramáticos: levantar as sobrancelhas e entortar a bôca, em sinal de desdém, que é a caracterização dramática do personagem. Como valor único a interpretação de Valerie Hobson. (Exibido no Cine Normandie, substituindo na metade de sua quinta semana a comédia «Cabeleireiro das arábias).

«O ÚLTIMO ENCONTRO» (Warner) — Elenco: Merle Oberon, George Brent, Pat O'Brien e Geraldine Fitzgerald. Direção de Edmund Goulding.

OUTRAS APRESENTAÇÕES DE SÃO PAULO

«A CANÇAO DO SHEIK» (Warner) — Em «technicolor», dirigido por Bruce Humberstone. Com Kathryn Grayson, Gordon Mac Rae, e Raymond Massey. (No Ipiranga e circuito). Êste filme já foi comentado em A CENA quando do seu lançamento no Rio.

«OURO E VINGANÇA» — Wertern da Universal, com Richard Conte e Viveca Lindfors. Diretor: Lesley Selander. Em «technicolor». (No Marabá e circuito).

«GIGANTES EM FÚRIA» (Coronado) — Direção de Raoul Walsh, com Ivonne De Carlo e Rock Hudson (Art Palácio).

«MULHER SEM AMOR» (International-Columbia) — Filme mexicano, direção de Luiz Banuel, estreado no Para-Todos.

«RITMO E ROMANCE» (Universal - International) — Direção de Douglas Sirk, lançado no Ritz São João.

«FILHOS DE NINGUÉM» (Titanus, Art-Films) —Com Yvonne Sansom, Françoise Rosay, etc. (Estreado no Ópera).

Todos êstes filmes serão comentados antes dos seus lançamentos no Rio.

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:

em

1953

ONDAS CURTAS

25 MTS. 11.925 KLCS.
.49 MTS. 6185 KLCS.



em

1954

TELEVISÃO

CANAL 13

RÁDIO BANDEIRANTES

— a mais popular emissora paulista



Rádio

GLÓRIA MAY

GLÓRIA MAY, a mais nova de nossas vedetas, traz uma maneira nova, diferente e graciosa de dizer as coisas e de cantar. É uma artista com algo de novo, de si própria, que fala, anda e gesticula como GLÓRIA MAY e mais ninguém. Começou «ontem», fazendo «pontinhas» nas revistas e no rádio. Depois, em virtude de ter chamado a atenção do público, embora em pequenos papéis, foi aproveitada melhor em «Mulheres de todo o mundo», onde teve a oportunidade de se exibir para o público paulista. É tão nova na vida artística como o ano de 1954, onde está conquistando novos triunfos no Teatrinho Jardel, em «Marreta o bombo».



Glória May, focalizada hoje nesta página, reúne graça e beleza para os gêneros a que se dedica.

A MAUÁ E O CAMPEONATO DO MUNDO

Esta emissora está no páreo para as irradiações do Campeonato do Mundo, em junho de 1954, diretamente da Suíça. Orlando Batista, chefe da equipe esportiva da Rádio Mauá, com inteiro apoio da direção, está envidando esforços para incluir a PRH-8 entre as emissoras brasileiras que transmitirão as sensacionais disputas futebolísticas. Segundo declarações do sr. Doutel de Andrade, diretor geral da Rádio Mauá, a emissora do trabalhador não medirá esforços nem sacrifícios para brindar os seus ouvintes com as futuras transmissões das partidas do Campeonato do Mundo.

DISCOS—NOVIDADES

EDEL NEY

MARIO DE AZEVEDO, um dos brilhantes pianistas do Brasil, cuja fama já ultrapassou as nossas fronteiras, interpreta as seguintes músicas de Eduardo Souto, no seu l. p. Regente de estréia: «Esperança», «Saudade», «Um beijo ao luar» e «Foi assim». Páginas inesquecíveis do saudoso compositor que encontraram em Mário de Azevedo, um intérprete apaixonado. Êsse «long-play» estará a venda antes do carnaval.



BILL FARR assinou definitivamente com a Continental. Aguarda, apenas, passar o período de Momo para fazer o seu primeiro disco na sua nova gravadora. Aliás, com a mesma etiquêta assinou, também, o TRIO NAGÔ, que, como BILL, pertencia anteriormente à Sinter, que, assim, está perdendo, pouco a pouco, os seus cartazes. Os artistas da Sinter são quase unânimes em afirmar que lutam para fazer um sucesso na referida etiquêta e, quando o conseguem, seus discos posteriores são inexplicàvelmente retardados no lançamento. Enquanto isto, as outras fábricas fazem justamente o contrário, aproveitando a oportunidade que sorriu ao artista. O fato é que, em menos de um mês desligaram-se da fábrica de Paulo Serrano o ROBERTO PAIVA, o BILL FARR e o TRIO NAGÔ. Por outro lado, a NEUZA MARIA está nas cogitações da Odeon.



A «Carroussel» deverá iniciar, por êsses dias, as gravações de novos discos infantis que serão lançados nos primeiros Suplementos, logo após o carnaval.



A Copacabana, não há mais dúvida, será uma das grandes vitoriosas do carnaval. Quase todos os seus intérpretes têm, pelo menos, um sucesso garantido. GILBERTO ALVES, por exemplo, já colocou o seu samba «Castelo no morro». HÉLIO CHAVES tem grande oportunidade com o samba «De braços abertos». JORGE VEIGA será um dos campeões, outra vez, com o samba «Pra esquecer» e com a marcha «História da maçã». Até a ANGELA MARIA, que não apareceu nos carnavais anteriores, promete colocar o samba «Aquêle amor». ROBERTO SILVA tem dois carros-chefes com os sambas «Minha promessa» e «Não me abandone». Também a marcha «Tranca Rua», com a CARMEN COSTA está no páreo. Em S. Paulo, LENY EVERSONG é uma das absolutas com os sambas «Panela vasia».





Bill Farr assinou com a Continental

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radicativa cóm 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

★

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. AGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.



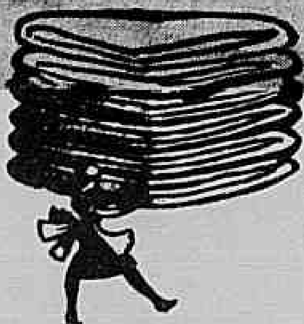
EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



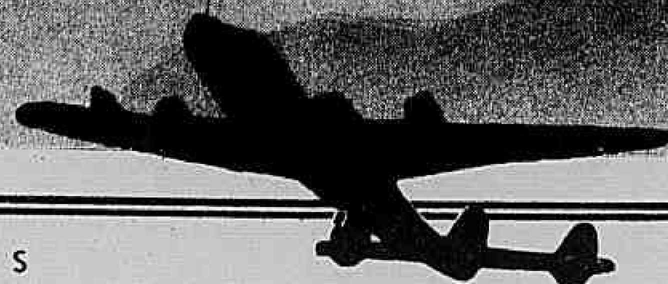
SALÃO DE REFEIÇÕES



ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»



A V I Õ E S

★ Rio de Janeiro para Poços de Calda — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte
(do aeroporto a Águas da Prata
30 minutos de automóvel)

TEATRO MÚSICA

PEDRO BLOCH FALA SÔBRE O QUE VIU NA EUROPA

PEDRO Bloch, o autor famoso de «As mãos de Eurídice», acaba de regressar de uma viagem de vários meses à Europa, onde teve ocasião de entrar em contato com os meios artísticos, assistindo a todos os espetáculos importantes e entrando em contato com os vultos mais destacados do mundo das artes.

As operações — a outra carreira, o cirurgião — ficaram aguardando Pedro Bloch e só entre uma intervenção e outra foi possível ouvi-lo a respeito de sua experiência na Europa, do que observou e sentiu.

— Volto com alma nova. Volto com uma imensa confiança nas nossas possibilidades. Vi muita coisa admirável, mas não vi nenhum milagre. Minto. Vi. Os chamados **musicais** inglêses são fabulosamente bem montados e realizados com uma perfeição tal que nos dá vontade de repetir a anedota do «milagre não vale». Citarei dois: «The glorious days» e «Love from Judy».

Vocês querem ter uma idéia do que se pôde fazer com uma historieta infantil? Muito bem. A mocinha órfã apavorada com a megera que toma conta do orfanato sonha com ela. Durante o sonho ela se desdobra e se multiplica. Surgem então uma série de meninas iguais esfregando o chão enquanto, por sua vez, as bruxas também se multiplicam apavorando as meninas. O «ballet» que surge entre bruxas e meninas multiplicadas por um milagre de caracterização é uma jóia.

O espetáculo americano «The king and I», em cena em Londres, também nos dá um quadro excelente, quando o rei do Sião manda preparar um espetáculo para provar que no Sião também se respeita a cultura e que ali já chegou a civilização. Realizou-se, então, a versão siamesa de «A cabana do Pai Tomás». É uma das coisas mais engraçadas que vi em tôda a minha vida. Grandes espetáculos foram os de Shakespeare; na interpretação de Redgrave. Vi Laurence Olivier e Vivien Leigh.

— Ela já está bem?

— Completamente restabelecida. Aliás a sua reaparição motivou uma tal preocupação de Laurence Olivier que êste se preocupava mais com a atuação da espôsa que consigo mesmo. Deram o «Sleeping Prince», de Rattigan.

— E Barrault pretende filmar?

— No momento não. Não creio que tenha tempo. Em primeiro lugar os compromissos assumidos, inclusive aquêle que, na ocasião em que com êle conversei, não tinha sido resolvido: o de seu comparecimento ao IV Centenário de São Paulo. Em segundo lugar tem duas peças difíceis em cartaz: a admirável «Pour Lucrèce», de Giraudoux e «Christophe Collomb», de Claudel, numa «mise-en-scène» prodigiosa de Barrault. Vai abrir o estúdio Marigny para autores e poetas novos. Além disso edita os «Cahiers» de sua companhia, escrevendo vários artigos em cada número.

— Onde você viu Ingrid Bergman?

— No teatro São Carlos de Nápoles, na ópera de Claudel-Honneger, «Joana D'Arc». Direção de Rossellini. Tanto êle quanto a espôsa estão dispostos a trocar tudo pela ópera. Não me parece uma grande idéia. Em todo caso o espetáculo apresentado foi absolutamente honesto.

— Dos intelectuais franceses quais os que mais contato tiveram com você?

— Salacrou e Anouilh, duas criaturas fabulosas. Salacrou é de uma humanidade comovente. Anouilh vive em permanente defensiva, mas uma vez amigo é uma criatura admirável. Falei-lhe da criação genial de Morineau em «Jezabel». E êle me fêz uma confissão:

— Acredito que ela seja mesmo genial, mas eu detesto a minha peça!

— Que mais você nos conta, Pedro Bloch?

— Gasmann estava apresentando o «Hamlet», em Gênova, onde o vi. Vi o «Piccolo Teatro de Milano». É uma instituição de grande honestidade artística, assim como o teatro da Via Manzoni, de Milano. Vi o primeiro teatro de arena da Itália, o Santo Erasmo, apresentando Pirandello. É curioso assinalar que, apesar das imensas populações de cada cidade italiana, as peças duram pouquíssimo no cartaz e o público está habituado a grandes espetáculos. Uma peça que dura mais de 15 dias já pode entrar na categoria de «sucesso». Quarenta e cinco seria um grande sucesso. Curioso, não é mesmo? E isto num meio de grande ebulição artística e de realizações teatrais dignas dos mais calorosos aplausos.



Bloch palestra com Anouilh a respeito de «Jezabel», criada no Brasil, por Morineau.



Pedro Bloch, entrevistado por «A Cena».



Direção de «LONG-SHOT»

VÁRIOS FILMES DO CINEMA NACIONAL

Procuro sublinhar a êstes tópicos, tôda a minha ilimitada admiração, aliada ao meu mais respeitoso cumprimento à «CINEMATOGRAFICA VERA CRUZ» e a tôda equipe de técnicos e figurantes do quase magnífico «Luz Apagada».
Falando de honestidade no âmbito cinematográfico brasileiro, não sem muito raras exceções, estávamos vivendo uma era de puro vandalismo. Tudo muito propício a conjugar-nos ao poder hereditário da hipocrisia e ao maléfico ato de engendrar idéias confusas e desconexas. Desinteressada de si mesma, enlameavam-nos com chusmas que, por infeliz ironia, ostentavam pomposamente o tradicional «BOA QUALIDADE». Eram fogos na cangica, cangicas no fogo, panelas no fogo, etc. Felizmente, hoje já temos o privilégio de assistir a alguns filmes nossos, que podemos também levar à família, por exemplo agora, com «Lub Apagada».
«Destino em Apuros» é bonito para os olhos e toca ao coração. «O Cangaceiro», de roteiro vago, cavalaria «a la sombra», por certo arrecadados a algum cortume, mas de moral pecaminosa, apresenta boa fotografia e bonito folclore nordestino. Enfim, é garbosc e apaixonado, com cenários enluarados do bom-gôsto do «estrelíssimo» sr. Lima. Uma heterogênea divagação às caatingas ardentes, infestadas de bandoleiros, mas transmite os costumes bárbaros de uma geração. Esqueçamos pois, meus amigos, as «Santas de loucos», «Hóspedes da Noite», «Noivas do Mal», e dezenas de outros inqualificáveis para, em côro, reverenciar-nos, rejubilando-nos com a cinematográfica «VERA CRUZ» e «MULTIFILMES» pelo pouco, porém já bastante aceitáveis produtos de suas esforçadas organizações.

R. R. QUEVEDE
(Pôrto Alegre)

ANALISANDO...

(Cont. da pág. 5)

dos anos de ocupação e das atividades dos «maquis», tratados com leveza e bom-humor. «Les frères Bouquinquant», apesar do dramalhão da mais pura tradição mexicana (dois irmãos disputando o amor de uma mesma mulher, um marido alcoólatra, um filho ilegítimo...) era uma pintura sincera dos cais e dos marinheiros do Sena. «Le ciel est à vous» (O céu é vosso), simpática realização de Jean Grémillon, tinha um excelente desempenho de Charles Vanel e a presença da sensível Medeleine Renaud.

São êsses alguns dos filmes de que desejávamos falar, de alto nível na forma como no conteúdo. Películas adultas, mas discretas em seu realismo, que não se aproveitam das facilidades oferecidas pelos recursos pornográficos, índice de mau-gôsto e desonestidade gritante. E a recompensa aí está: desinterêsse completo dos distribuídores. Ou dos exibidores, como é o caso de uma obra-prima que se chama «O carrossel da esperança». Esperemos confiantes que, apesar dêsse resultado, alguém bem intencionado nos possibilite assistir «Les vacances de M. Hulot», de Jacques Tati, qualificado de uma comédia deliciosa, não em edições de 16mm. de divulgação limitada, mas num grande circuito de cinemas. Estamos certos de que a reação do público será favorável, e a bilheteria compensadora.

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

A HIGIENE ÍNTIMA TAMBÉM CONTRIBUI PARA A SUA





BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ....
NOME.............................
RUA.................... Nº.....
CIDADE.............................
ESTADO.............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

CABELOS BRANCOS... Envelhecem

JUVENTUDE ALEXANDRE

Juventude — BELEZA E VIGOR DOS CABELOS

Faz desaparecer e EVITA-OS SEM TINGIR

O DESTINO MUDA...

(Cont. da pág. 21)

tituindo Suzanne Cloutier em «Juliette ou la clef des Songes»? Teria agradado mais? Criaria uma Juliette mais Juliette? Ou seria uma decepção, e não alcançaria os desejos de expressão dos seus realizadores? Quem o dirá? O Destino? E as modificações persistirão, em função da insatisfação espiritual humana, quer haja ou não alguém capaz de assegurar o êrro ou acêrto de tantas mutações. Porque isto é o cinema, ativo e dinâmico como a própria vida que sempre se renova. Novos «astros» nascem, velhas «estrêlas» se apagam. E amanhã talvez, horrível, Charles Laughton substitua Tirone Power...

ROMANCE ATRÁS...

(Cont. da pág. 7)

ela acabar de uma vez com os preconceitos familiares que se erguiam como muralha contra a sua almejada carreira de artista. Poucos meses depois da vitória em Stresa, foi convidada pelo diretor Giuseppe De Santis para interpretar um filme: «Arroz amargo». O teste fotográfico e de interpretação foi julgado excelente; mas os pais não permitiram sua estréia diante da câmara cinematográfica. E foi Silvana Mangano quem recebeu, para substituí-la, o importante papel. Um ano mais tarde, exatamente, Silvana Mangano haveria de retribuir-lhe a oportunidade de ingressar no cinema, no papel de protagonista de um filme importante, ao retirar-se para a vida particular após seu casamento com o produtor Dino De Laurentiis, quando já firmara contrato para interpretar «Non c'è pace fra gli ulivi» («Páscoa de sangue»). O diretor De Santis, que no primeiro filme recorrera à Mangano para remediar a falta da Bosé, no segundo insistiu junto a Lucia para remediar a falta de Silvana. E assim «Miss Itália 1947», dessa feita com a permissão da família, se tornou atriz. Antes fôra, desde os 14 anos de idade, datilógrafa no escritório de um advogado de Milão, sua cidade natal: em seguida, empregada numa confeitaria, ainda em Milão. Mas, tendo embora passado vários anos diante da máquina de escrever ou atrás de um balcão de doces, Lucia atualmente gosta é de caçadas, de montar a cavalo, o que ela sabe fazer à perfeição, e passar os fins de semana no campo.

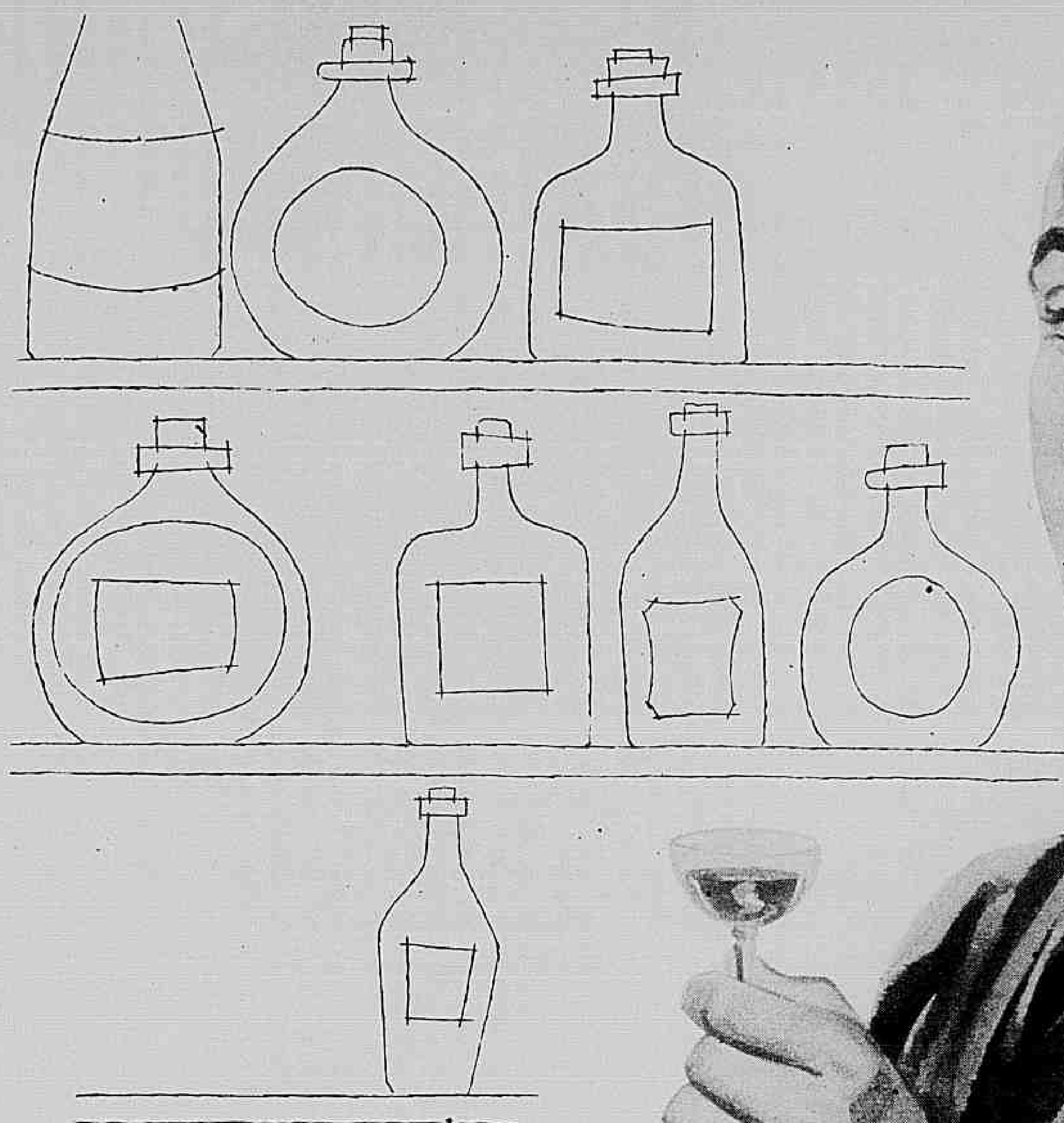
FILMOGRAFIA DE LUCIA BOSÉ

NON C'È PACE FRA GLI ULIVI (Páscoa de sangue) — CRONACA DI UN AMORE (Crimes da alma) — PARIGI È SEMPRE PARIGI (Paris é sempre Paris) — LE RAGAZZE DI PIAZZA DI SPAGNA (Garôtas da Praça da Espanha) — E' L' AMOR CHE MI ROVINA (Mulheres e átomos) — ROMA ORE 11 (Roma às 11 horas) — LA SIGNORA SENZA CAMELIE (A dama sem camélias).

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILISTICA E PORTUGUES por correspondência, sôb a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visconde Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso

AGUA PURA
SAÚDE SEGURA
VELAS
SENUN
ESTERILISANTE
FABRICADAS PELO PROCESSO SENUN

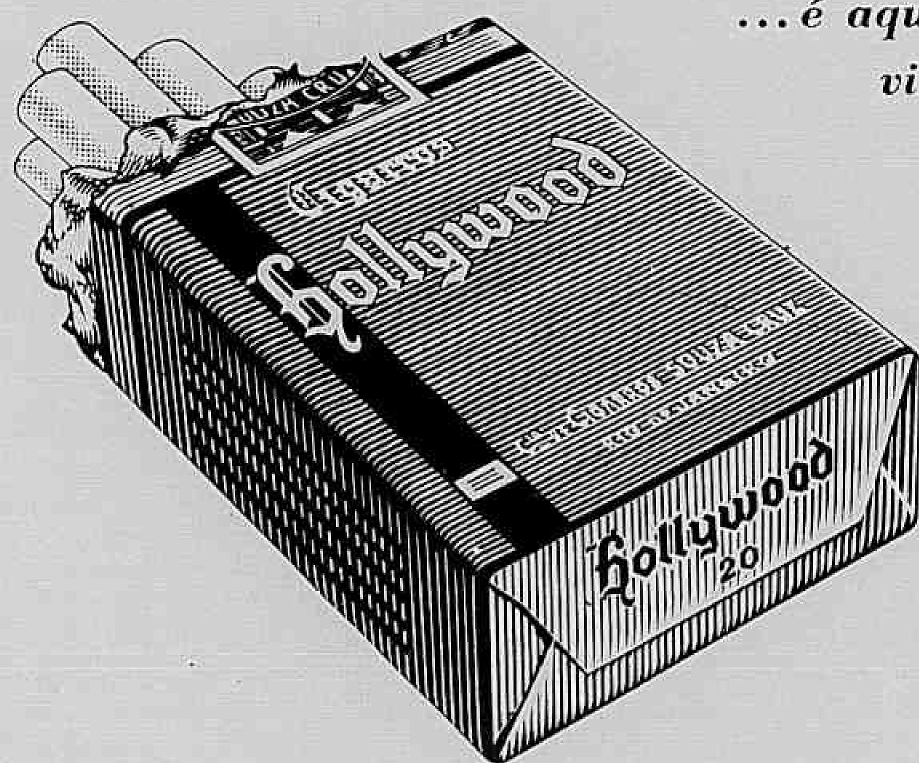




Um "connoisseur"...

...é aquêle que distingue entre os melhores vinhos — o mais fino, o de melhor paladar, o que mais caracteriza o bom gôsto da escolha.

E é também esta particularidade que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.215



Shelley
sugestão para o
nicipal. Neste número,
ginas em duas côres com as
mais lindas sugestões para o
carnaval.